Uma cobra chamada “Boiúna”

Contos

Paulari Nogueira

Direitos autorais reservados única e exclusivamente ao autor.

Proibida a reprodução no todo ou em partes desta obra.

Sumário

A cascavel e a lagartixa ...p.4
Mãe...p.9
A galinha carijó e seus filhotes...p.10
Paraíso das flores...p.14
O velho velhaco...p.16
Se o tempo retrocedesse...p.19
Temporal...p.20
O morto vivo...p.21
O poeta e o ateu...p.30
Compadres pinguços...p.32
O "capelobo"...p.35
A velha "cachimbeira"...p.44
A praia das sereias...p.60
Uma cobra chamada "Boiúna"...p.62
A vida...66
Doce ilusão...p.68
Meu Pará...p70
Seringal da morte...p.71

A CASCAVEL E A LAGARTIXA

No reino dos animais considerados inofensivos, peçonhentos e ovíparos, a cobra cascavel e a lagartixa questionavam acirradamente seus costumes, suas aparências e os perigos que poderiam oferecer ao ser Humano.

- Diga quem tu és, camarada lagartixa, que eu te direi quem eu sou e do que sou capaz - Falou a cascavel em tom agressivo. A lagartixa decididamente respondeu-lhe:

- Eu sou apenas um animalzinho inofensivo ao Homem, sou feia, porém simpática aos olhos humanos, sou dócil e vivo somente de me alimentar de pequenos insetos nocivos às pessoas, como por exemplo: as baratas, as formigas, os carrapatos e mosquitos transmissores de doenças perigosas, etc... E agora, camarada cascavel, quero saber: quem és tu realmente?

A cascavel por sua vez respondeu-lhe:

- Eu sou terrível, sou temível, sou tudo de mal que o ser humano conhece. A minha simples aparição diante de um deles provoca-lhe mal estar, pânico, náuseas e às vezes consigo matar de susto àqueles mais fracos e causar desespero nos mais fortes. Sou mesmo demoníaca. Camarada lagartixa - Continuou a cascavel - Façamos uma experiência: ficaremos escondidas à beira deste caminho, e há de ser que, quando alguém que por ventura vir a passar por aqui, eu, que tenho veneno, picarei o calcanhar do passante, porém rapidamente me esconderei enquanto você aparece diante do ofendido, para que lhe venha a impressão de que foi picado por uma lagartixa. Então

aguardaremos o resultado. Depois, você, camarada lagartixa, desprovida de qualquer peçonha, picará o próximo passante por aquela vereda, escondendo-se imediatamente enquanto eu me apresento ao infeliz, dando-lhe a certeza de que foi picado por mim e não por você. Aí então faremos uma avaliação dos resultados que se darão com nossas respectivas aparições.

Escondidas as duas sob uma pequena moita à beira de um caminho que dava acesso de uma pequena vila à fonte de água que servia de lavador de roupas, banheiro e fornecimento de água para consumo diverso dos moradores. Pouco tempo depois percebem rumores dos passos de alguém que se aproximava. Viram que se tratava de uma simpática velhinha acompanhada de um netinho seu. Ambos caminhavam a passos tranqüilos, sem, no entanto suspeitarem de ameaça alguma naquele sossegado caminho que perfaziam várias vezes ao dia.

Ao emparelhar-se com as duas conluiadas e escondidas sob uma moita de bredo rente à vereda, foi então que a cascavel lançou o seu bote certeiro, alcançando o calcanhar da pobre velhinha, escondendo-se rapidamente enquanto a lagartixa apresentava-se diante da anciã, que já agachada, friccionava o ferimento, na tentativa de estancar o sangue que entornava timidamente a princípio, e ao mesmo tempo falava ao seu netinho:

- Filho, parece que algum animal me picou...

- Veremos o que foi, minha vozinha.

Os dois não procuraram por muito tempo, pois logo deram pela presença da lagartixa, o que trouxe um grande alívio para a velhinha e a criança, ao

constatarem que aquela picada fora de um animalzinho desprevenido de peçonha.

- Não foi nada não, meu filho, foi apenas uma inofensiva lagartixa, graças a Deus. Vambora!

A idosa senhora apenas mastigou algumas folhas silvestres e esfregou a saliva com o sumo delas sobre o ferimento que sangrava e ardia um pouco. Seguiram caminho como se nada de mais tivesse acontecido. Ia cantarolando uma canção ainda mais antiga do que a sua remota mocidade.

- Agora, camarada lagartixa, chegou a sua vez de atacar - Falou a cascavel.

Continuaram escondidas sob a mesma moita de outrora. Não demorou muito para novamente ouvirem rumores de passos de outro alguém que se aproximava pelo caminho. Ao passar bem rente à moita, a lagartixa atirou-se violentamente em rumo ao calcanhar do jovem formoso à vista, que passava sem se dar conta de ameaça alguma que por ventura poderia existir naquele caminho de todos os dias. Aquela mordida causou no mancebo apenas um leve arranhão, sem causar quase nenhuma dor, pelo fato de a lagartixa não possuir dentes, o que fez com que o jovem, apenas por curiosidade, se abaixasse somente para ver o que havia lhe atacado.

Com a mesma rapidez com que se lançou para morder o calcanhar do jovem passante, a lagartixa escondeu-se na moita, enquanto apresentava-se no meio do caminho a cascavel, enrodilhada, de guizos estridentes, de língua que fazia um vai-e-vem sibilante e de olhar diabólico e perverso, com a cabeça a certa altura do solo, fazendo com que o olhar daquele jovem, de curiosidade passasse a ser de pavor, de

incredulidade no que via e ao mesmo tempo de certeza da morte próxima, da distância de recursos médicos e da antecipada saudade da vida jovem e agradável que o maldito e fatal veneno daquela cobra estava prestes a lhe tirar.

Tudo isso lhe causou um calafrio medonho. Ficou estático. Tudo estava perdido. Todos os sonhos se acabavam ali mesmo. As pernas ficaram bambas, sentiu uma pontada no peito esquerdo, as vistas turvaram-se, sentiu uma grande tontura, tentou caminhar e não conseguiu. Tropeçou nos próprios pés, caiu ali mesmo e pouco depois soltava o seu último alento.

- Camarada cascavel - Disse a lagartixa -Mordi aquele mancebo e tu o matastes somente com tua aparição repentina e ameaçadora. És realmente a verdadeira rainha das trevas! Além de possuíres um veneno mortífero, recebestes como dádiva do inferno uma aparência aterradora e repugnante, que se manifesta e se identifica trazendo o endereço da morte.

MÃE

Dentre todas as maravilhas do mundo, mãezinha, tu és a mais elegante.

Dentre todas as mulheres do mundo, mãezinha, tu és a mais fascinante.

Dentre todas as coisas boas e belas da vida, mãezinha, tu és a mais importante.

Assim como um pé de rosa desabrocha o seu singelo botão, mãezinha, tu és a bela flor.

Assim como a flor do jasmim deixa um agradável perfume no ar, mãezinha, tu és o verdadeiro aroma.

Assim como o poeta se inspira em sua musa, na lua e nas estrelas, mãezinha, tu és a poesia do amor.

Hoje os teus cabelos estão grisalhos, tuas mãos calejadas de tanto trabalhar, teu rosto cansado de tanto sofrer, teus olhos vermelhos, marejados de lágrimas, às vezes de felicidade e muitas vezes de um desgosto chorar.

Mãezinha, serás sempre a minha heroína e, nesta longa estrada da vida eu sempre vou te adorar.

Os elogios a ti, por décadas verás, certamente, que é a mais pura verdade.

Pensar em você ou ouvir falar o teu nome, confesso que é motivo de muita emoção, esteja a onde estiver, mãezinha adorada.

Ficarás para sempre, por toda a eternidade, aqui dentro do meu coração

A GALINHA CARIJÓ E SEUS FILHOTES

No sítio do tio Juca, havia uma galinha carijó muito especial. Era tratada por todos como um verdadeiro animalzinho de estimação. Era mansinha, dócil, botava ovo todo dia e quando chocava, tirava toda a sua ninhada, criava todos os pintinhos sem que morresse nenhum deles. Da mesma forma todos se criavam até tornarem-se adultos.

Paulinho, o neto do tio Juca, comia todo dia o ovo que a galinha botava, sem o consentimento do seu avô e é claro, sem o da galinha, o que lhe causava extremo desespero, pois não lhe sobrava nem o ovo de indez.

Tio Juca, apoquentado pelas travessuras do neto e preocupado com a situação da galinha, foi ao vizinho mais próximo e adquiriu dele uma dúzia de ovos, porém não se dando conta, nem ele e nem o vizinho, de que aqueles ovos eram na verdade ovos de pata. Tio Juca muito cuidadosamente depositou os doze ovos no ninho da galinha, para que esta tirasse mais uma vez uma porção de belos pintinhos.

Vinte e poucos dias depois, para alegria do tio Juca e da galinha, nasceu toda a ninhada. Eram todos amarelinhos, de bicos e pés achatados, de estrutura corporal muito estranhamente diferente da natureza física dos filhotes de uma galinha.

- Có, có, có... - Resmungou a galinha diante da surpresa ao deparar com seus filhotes tão feios e tão esquisitos. O que estaria acontecendo?

A princípio quis rejeitá-los, entretanto, seu justo e amoroso instinto maternal lhe instigou em aceitá-los como filhos verdadeiros.

Levantou-se do ninho e saiu para o terreiro da morada do sítio, a procurar farelos e pequenos insetos que seriam a primeira refeição dos recém-nascidos. Começou a ciscar chamando-os insistentemente para ensiná-los tal técnica, cumprindo o instinto natural de transmitir aos inexperientes a cultura dos ancestrais galináceos, que é arte da sobrevivência na procura de alimentos. Porém a tendência dos pequenos era a de procurarem água, somente água, o que deixava a galinha além de aflita, ainda mais curiosa diante do estranho instinto dos filhotinhos.

Os pirralhinhos saíram em disparada rumo à lagoa que ficava bem próxima à casa do sítio, desobedecendo aos chamados desesperados da mãe aflita diante de inesperada atitude dos pequenos. A mãe não achou alternativa que não fosse a de segui-los na desenfreada carreira. Espanto maior foi o de vê-los lançarem-se nas águas e ficarem flutuando com extrema facilidade, como se para ali fossem naturalmente adaptados.

A galinha subitamente interrompeu a carreira, hesitou por um instante, mas finalmente decidiu-se por também, de olhos fechados, atirar-se nas águas, pois, segundo ela, se seus filhotes haviam se jogado na água sem correr nenhum perigo, certamente ela também poderia fazer o mesmo. Todavia, para seu infortúnio, de penas molhadas e sem saber nadar, debatia-se em desespero, batia as asas que molhadas, em nada podiam lhe ajudar. Cacarejava agonizante, aterrorizada na perspectiva da morte certa, pois sabia do inevitável afogamento. Estava morrendo.

Nesse exato momento Paulinho encontrava-se na beira da lagoa, pescando, atentamente assistindo a